O QUE É

ARTESANATO

Primeiro Módulo

Eduardo Barroso Neto

APRESENTAÇÃO

Para aqueles que têm na atividade artesanal seu sustento principal, definir com palavras aquilo que fazem deve ser provavelmente uma de suas últimas preocupações. A necessidade em definir, conceituar e estabelecer diferenças entre artesanato, arte popular, trabalhos manuais e outras manifestações humanas é muito mais uma preocupação de críticos, acadêmicos e técnicos que necessitam compreender melhor uma prática da qual estão distantes. Os recentes programas e projetos propostos e desenvolvidos, tanto por instituições públicas, no âmbito federal, estadual e municipal, como por instituições privadas, necessitam contudo destes esclarecimentos para melhor situarem suas ações e ajustar os limites de sua intervenção. Portanto, este curso inicia-se com uma tentativa de lançar algumas definições que poderão esclarecer melhor os limites, embora muitas vezes tênues, entre estas distintas formas de expressão.

De acordo com as referências enciclopédicas o termo “artesanato” tem tido, desde seu aparecimento, em fins do século XIX, significações ambíguas, englobando o conjunto de atividades manuais não agrícolas, sem conseguir distinguir o artesão do artista. Estas diferenças serão, mais adiante colocadas em evidência, sobretudo a partir da ótica e do compromisso particular dos verdadeiros atores destes processos

Durante o Seminário Internacional intitulado “Design Sem Fronteiras” realizado na cidade de Bogotá/Colômbia, em novembro de 1996, do qual participaram toda a cúpula diretiva do Conselho Mundial de Artesanato (WCC) foi proposto por Eduardo Barroso Neto, do Brasil, a seguinte definição: “Podemos compreender como artesanato toda atividade produtiva de objetos e artefatos realizados manualmente, ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, apuro técnico, engenho e arte”.

Esta definição pretende apenas colocar em evidência algumas das características do artesanato aceitas pela maioria das pessoas envolvidas com esta atividade, qual seja: o artesanato é essencialmente um trabalho individual, embora a produção de alguns objetos possa exigir a intervenção de várias pessoas durante sua confecção; deve resultar em algum objeto ou artefato novo e fruto da transformação de matérias-primas e em pequena escala (eliminando desta categoria as atividades agropecuárias ou pesqueiras, embora estas sejam, muitas vezes, denominadas de agricultura artesanal e pesca artesanal, em oposição a agricultura e pesca industrial, ou seja em grande escala). Do mesmo modo esta atividade deve revelar uma destreza e habilidade ímpar de quem a produz distanciando-a de uma simples atividade manual, assim como uma engenhosidade nas formas, usos e funções que traduzem a criatividade daqueles que, em seu cotidiano, descobriram soluções apropriadas para seus problemas e necessidades de modo não convencional e inovador.

Deste modo o artesanato difere-se das atividades ditas “manuais” por uma série de aspectos.

Em uma das fronteiras mais tênues com o artesanato, uma atividade manual é em geral uma ocupação secundária, utilizando-se o tempo disponível ou ocioso, com o objetivo principal de complementar a renda familiar, enquanto o artesanato é a atividade principal de quem o produz. O principal valor agregado de um produto resultante de uma atividade manual é o tempo e a paciência empregadas em sua confecção, sendo irrelevante ou secundário seu valor cultural. Por ser um trabalho essencialmente repetitivo exige destreza e habilidade porém prescinde de uma capacidade artística e criativa capaz de intervir e alterar cada nova peça executada. Nesta categoria de “manualidades” em geral podemos incluir as roupas de bebê, toalhas, colchas, almofadas com aplicações de rendas e bordados, crochê, tapetes, cestos, caixas, e uma infinidade de pequenos objetos para o lar ou de uso pessoal como acessórios e bijuterias.

Em uma fronteira mais distante com o artesanato, e portanto mais difícil de causar algum tipo de confusão, estão os trabalhos manuais caracterizados como de preparação de matérias-primas direcionados à indústria de transformação, à produção de peças semi-acabadas e à confecção de produtos de baixa complexidade e escasso valor cultural (por ex: o garimpeiro que extrai o mineral sem beneficiá-lo).

O artesanato pode também ser categorizado, em função de suas finalidades, podendo ser de caráter:

1. Utilitário: São em geral ferramentas e utensílios desenvolvidos para suprir carências e necessidades das populações de menor poder aquisitivo, substituindo produtos industriais de valor mais elevado.

2. Conceitual: São objetos cuja finalidade principal é o de externar uma reflexão, discurso ou conceito próprio de quem o produz, seja este um indivíduo ou comunidade. Em geral estes produtos estão ligados à necessidade de auto-afirmação social e cultural de um determinado grupo e por isto mesmo muitas vezes aproximam-se da arte popular e com esta se confundem;

3. Decorativo: são artefatos cuja principal motivação é a busca da beleza, com a finalidade de harmonizar os espaços de convívio.

4. Litúrgico: São produtos de finalidade ritualística destinados a práticas religiosas ou místicas reforçando os sentimentos de fé e de elevação espiritual.

5. Lúdicos: São em geral produtos destinados ao entretenimento de adultos e crianças, intimamente relacionados com as práticas folclóricas e tradicionais, incluindo-se nesta categoria todo tipo de brinquedos populares e instrumentos musicais.

O fenômeno da globalização implicou na abertura econômica dos países à importação indiscriminada de produtos, necessários ou supérfluos, sem distinção de origem ou qualidade, jogando todas as empresas em uma acirrada disputa comercial. Frente a produtos procedentes dos países asiáticos, sempre muito baratos, as indústrias de países como o Brasil, (que dificilmente conseguirá competir na base do preço), têm como opção investir na melhoria qualitativa de seus produtos, agregando valor e colocando em destaque seus aspectos mais singulares. Por esta razão o artesanato passou a ser repentinamente valorizado pois nele ainda residem os traços culturais mais característicos de sua região de origem. São estes diferencias culturais a grande força competitiva dos países menos desenvolvidos. Além deste aspecto estratégico do ponto de vista econômico, cabe ainda lembrar a capacidade de o artesanato ocupar expressivo contingente de mão-de-obra pouco qualificada, que foi marginalizada do mercado de trabalho por força das mudanças tecnológicas, destacando-se assim a sua função social que empresta dignidade a quem o produz. Uma atividade que é fruto da habilidade, da destreza e da dedicação, além de ser fonte de sustento para quem o executa, traz um sentimento de auto-estima, de orgulho de si mesmo, que se transforma em mola propulsora para a construção da cidadania.

O surgimento da atividade artesanal no ocidente está associada ao desenvolvimento das cidades e ao aparecimento de atividades urbanas necessárias à vida em coletividade, tais como os padeiros, ferreiros, carpinteiros, marceneiros, tecelãos, seleiros, arquitetos, entre outros. Somente a partir do século XVIII é que surgiram as primeiras corporações de ofícios com regras e regulamentos rígidos, definindo os limites e atribuições do trabalho artesanal, conseguindo algumas destas entidades notável reconhecimento.

Entretanto, com o desenvolvimento industrial o artesanato entrou em um processo lento de decadência e marginalização social e econômica, sobrevivendo como alternativa de consumo para as populações periféricas, afastadas, ou de menor poder aquisitivo, impossibilitadas economicamente de acesso aos bens e serviços produzidos pelas indústrias.

A atividade exercida em pequenas unidades produtivas, por suas próprias características, dificilmente consegue competir em eficiência com o produto industrial de larga escala, e encontra como estratégia de sobrevivência a opção em ofertar produtos com um melhor acabamento, exclusividade, e singularidade, aspirando a uma faixa de consumidores mais exigentes e direcionados a produtos únicos e personalizados. No Brasil, as tradições artesanais de origem predominantemente indígenas se incorporaram às técnicas trazidas pelos imigrantes, criando a diversidade hoje existente.

No Brasil o artesanato sempre foi considerado uma atividade inserida no âmbito dos programas de assistência social, tratado sob uma ótica paternalista, sem considerar sua dimensão econômica e social. Por certo exceções existiram, e estas somente confirmam a regra, ficando por conta de alguns poucos programas estaduais e de alguns arquitetos e colecionadores. Somente com a criação do Programa SEBRAE de Artesanato,a partir de 1998, passou-se a ter uma visão sistêmica da atividade, atuando-se em todos os pontos da cadeia produtiva.

Uma das razões desta mudança de enfoque talvez deva-se a pressão social exercida pelo fato de haver hoje no país cerca de cinco milhões de desempregados que representam 7% da população economicamente ativa. Pressupõe-se que o artesanato possa ocupar parte desta mão-de-obra ociosa, que tendo sido demitida por conta das mudanças tecnológicas dificilmente conseguirá ser novamente recontratada pelas empresas.

Somente uma ação sistêmica, articulada, sinérgica, poderá transformar o artesanato em uma atividade realmente importante do ponto de vista social, pela ampliação de sua dimensão econômica.

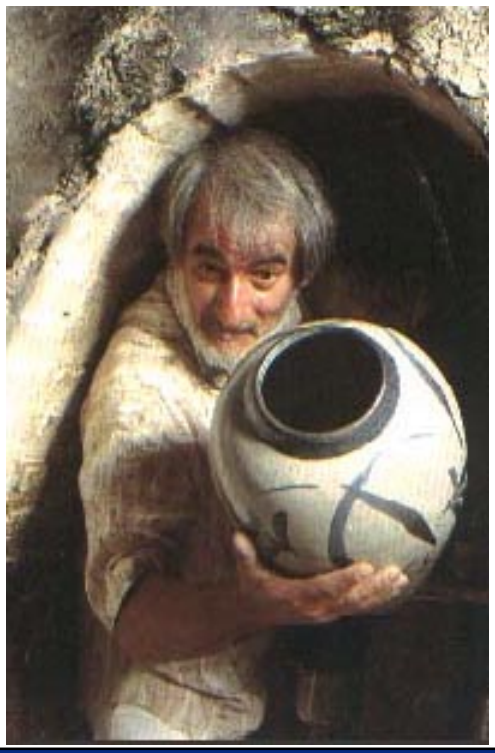
A divisão de trabalho no artesanato obedece a lógica da experiência e do saber, muito embora se empreguem terminologias que remontam às Corporações de Ofícios do século XVIII.

Naquela época, um oficial era o artesão que havia dominado as técnicas de sua atividade e tido uma preparação de no mínimo quatro anos como aprendiz. Já o mestre era aquele que podia empreitar e contratar os trabalhos, responsabilizando-se por sua perfeita execução.

Atualmente designamos de aprendiz os auxiliares das oficinas de produção artesanal, encarregados de elaborar partes do trabalho e que se encontram em processo de capacitação.

Do mesmo modo os oficiais são aqueles artesãos que reproduzem, e ao fazê-lo muitas vezes recriam as obras propostas pelos mestres, detentores de conhecimento técnico sobre os materiais, ferramentas e processos de sua especialidade.

Os mestres artesãos são aqueles indivíduos que se notabilizaram em seu ofício conquistando admiração e respeito, não somente de seus aprendizes e oficiais, mas também, e principalmente, do próprio mercado. Sua maior contribuição é repassar para as novas gerações os conhecimentos fundamentais de sua atividade.

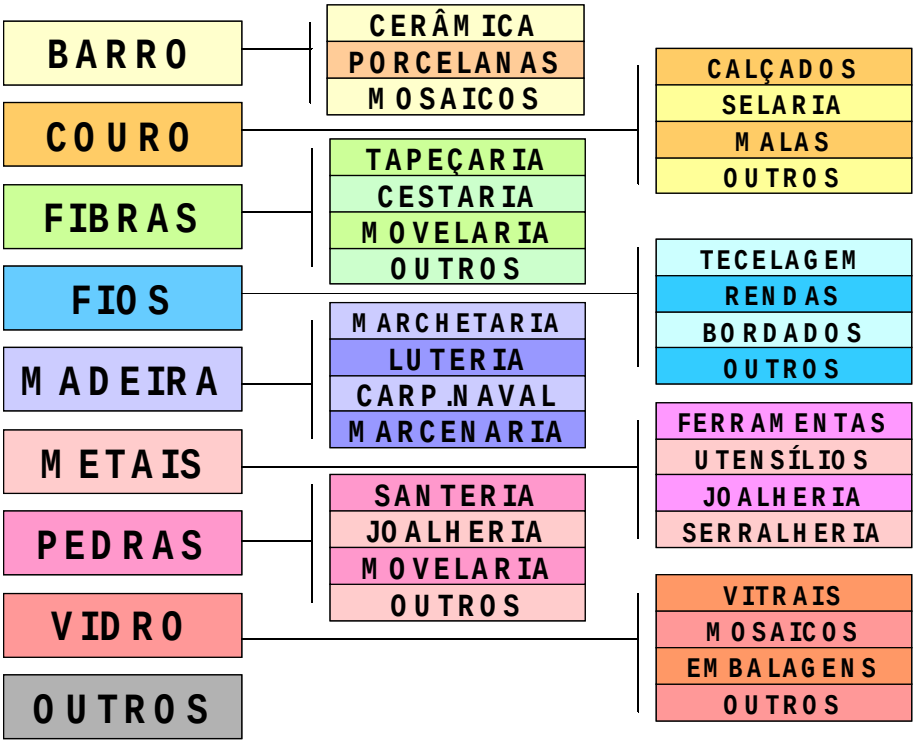


ARTESÃO ARTISTA

Em princípio todo artista deve ser antes de tudo um artesão, no sentido de conseguir dominar o “saber fazer”, de sua área de atuação, ou simplesmente não conseguirá realizar a contento seus projetos e sua pretensão criativa. Ainda como artista deverá possuir em seu trabalho uma coerência temática e filosófica, cristalizados em uma série de compromissos consigo mesmo, dentre estes o de buscar sempre ir mais além do conhecido. Este compromisso permanente com a inovação já começa a afastar o artista do simples artesão, para quem a inovação é uma casualidade e conseqüência natural do fazer. E por último, o verdadeiro artista tem um compromisso inalienável com o seu tempo, de exteriorizar sua visão específica do mundo que o cerca, o mais imune que possa às influências de qualquer natureza.

Um artesão-artista, dentro do conceito aqui proposto é aquele que tendo conquistado as condições acima expostas decide produzir coisas úteis, seriadas, acessíveis a um maior número de pessoas, porém sem abrir mão da permanente experimentação. Seu compromisso é consigo mesmo e não com o mercado. Diferente até nisto do simples artesão, cujo maior compromisso é o sustento de sua família. O artista-artesão, oriundo das camadas populares, chamados pelos críticos de autodidatas, são aqui, aqueles que mais se aproximam do conceito proposto para mestre-artesão.

Relação matérias primas e ofícios

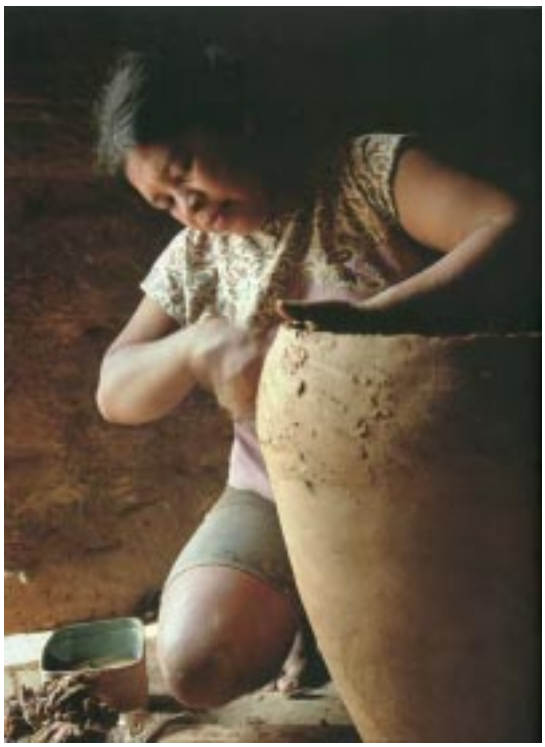


O artesanato também pode ser analisado a partir das matérias primas que definem os distintos ofícios. Para cada matéria-prima principal derivam práticas profissionais que resultam em tipologias de produtos bastante específicas, com suas respectivas técnicas, ferramentas, produtos e destinações.

As principais matérias-primas utilizadas no artesanato brasileiro são:

1. Barro
2. Couro (animal ou sintético)
3. Fibras vegetais
4. Fios (algodão, linho, seda...)
5. Madeira (essências nativas, madeiras reflorestadas)
6. Metais (alpaca, alumínio, bronze, cobre, ferro, latão, prata...)
7. Pedra (granito, mármore, pedra sabão...)
8. Vidro
9. Outros (borracha, ossos, chifres, coco, sementes...)

Do mesmo modo existem ainda produtos que utilizam-se de vários materiais, conjugando técnicas e saberes, criando novas categorias.



BARRO

De acordo com as composições e técnicas se definem os tipos de cerâmica. As mais comuns são:

- Terracota (ou louça de barro), normalmente mistura de argilas naturais. Utiliza os procedimentos mais rudimentares, desde a extração da matéria-prima nas jazidas ribeirinhas, passando por sua preparação (limpeza e homogenização) até a queima dos produtos em fornos de alvenaria simples e utilizando o carvão vegetal, cuja temperatura não chega acima dos 800 graus centígrados. Os exemplos mais conhecidos desta técnica são os filtros, tijolos, telhas, vasos, etc;

- Faianças. São peças que utilizam uma massa mais clara, argilas naturais com um pouco de caulim, ou eventualmente quartzo. São peças queimadas em fornos mais sofisticados que alcançam temperaturas mais elevadas, entre 800 a 1.000 graus, e o mais conhecido está na cerâmica utilitária como pratos e xícaras.

- As porcelanas. São cerâmicas de altas temperaturas (entre 1.200 e 1.350 graus) produzidas a partir de três materiais: argila, quartzo e feldspato, podendo este número de componentes variar.

As principais etapas do processo produtivo são: extração da matéria-prima; limpeza, homogeneização e/ou decantação; extrusão e/ou pré-formatação; torneamento e/ou moldagem; pintura ou decoração, acabamento e queima.

COURO

O artesanato em couro e peles pode ser encontrado em todo o país em milhares de produtos. Cru, seco ou curtido o couro é parte integrante do repertório cuMatérias primas e ofícios

BARROltural de homem do campo.Os dois principais ofícios que trabalham o couro são:

O *Coureiro*, que produz calçados, bolsas, acessórios de uso individual, malas, estofados, móveis e utensílios domésticos;

O *Seleiro*, que fabrica arreios, selas, gibões, perneiras, acessórios, roupas e chapéus para montaria;

Estes produtos podem ser urbanos (orientados pelos fenômenos de moda); ou rurais (frutos das tradições e costumes, principalmente nos estados e regiões de tradição pecuarista).

Além do couro de gado, utilizam-se ainda para a confecção de produtos artesanais o couro de caprinos e em menor escala o de répteis e de pescados e ainda o couro sintético em peças de artesanato urbano.

Os processos de preparação do couro são realizados por curtumes, ou artesanalmente utilizando-se de diversas espécies vegetais que fornecem o tanino. As principais etapas posteriores são o tingimento; corte das peças a partir de modelos já desenhados; a montagem da mesma sobre moldes; costura; aplicações de elementos decorativos e acabamento final.

FIBRAS

A arte de trançar fibras vegetais é um legado deixado pelos índios e presente em todas as regiões do país, configurando um artesanato basicamente utilitário. Os produtos de fibras (matérias primas vegetais mais rijas) costumam também destinar-se a fins lúdicos ou decorativos, tais como bonecas de palhas em miniaturas. Diversas são as fibras vegetais utilizadas na produção do artesanato brasileiro, podendo-se destacar as fibras da taboa, do buriti, do côco, da carnaúba, do babaçu, o sisal, a juta, o junco, o apuí, os cipós ou trepadeiras (de fogo, titica, imbé, etc), o bambu, o vime, a cana-da-índia, cascas e entrecascas, palha de milho e folha de bananeiras, e outros.

Esta produção divide-se em três grandes grupos:

- Cestaria (bolsas, balaios, samburás, peneiras, abanos) e chapéus
- Tapetes e esteiras
- Móveis e objetos de decoração

Os principais processos produtivos são extração das fibras, seleção, em alguns casos o cozimento (em soda cáustica ou no vapor), secagem, trama / entrelaçamento e acabamento.

FIOS

Os principais fios utilizados na produção de peças artesanais são a lã nos estados do sul e o algodão nas demais regiões do país, havendo ainda ocorrências mais raras de uso de fibras mais acessíveis tais como a juta ou a pita ou mais nobres como o linho e a seda, sobretudo em peças de maior valor agregado.

Na tecelagem rústica, encontrada em várias regiões do país, o artesão conhece e quase sempre executa todas as fases da produção, desde o plantio e colheita do algodão, passando pelas fases de cardar, fiar, tingir, enovelar e tecer.

Os produtos feitos com fios podem ser divididos em 4 grandes grupos:

- Tecelagem, que produz redes, mantas, colchas, toalhas, cobertores e tapetes, visto por muitos como uma categoria especial dada a sua diversidade e qualidade;
- Rendas e crochê (peças feitas a partir do fio)
- Labirintos ou crivo (peças feitas a partir do tecido).
- Bordados (trabalho feito sobre o tecido)
- Bonecas e brinquedos

MADEIRA

A madeira tem sido ao longo dos anos a principal matéria-prima na produção de objetos que fazem parte do acervo da cultura material brasileira. Desde as embarcações de pesca artesanal, passando por todo o tipo de móveis e utensílios domésticos, instrumentos musicais, esculturas, brinquedos populares, a madeira é o material por excelência que se presta à realização dos mais variados artefatos, seja isoladamente, seja em combinação com outros materiais. Devido a grande variedade de espécies nativas encontradas em todo o território a produção artesanal vale-se daquelas madeiras mais comuns de cada região, como exemplo a umburana na confecção da santeria nordestina, ou o buriti na produção de brinquedos e móveis leves.

Pode-se dividir o artesanato em madeira em 4 grandes grupos de produtos:

- Santeria e esculturas (isoladas e formando grupos), incorporando neste grupo todas as categorias de ex-votos;
- Movelaria e objetos de decoração, incluindo-se neste grupo todos os elementos denominados P.O.M. (pequenos objetos de madeira), brinquedos e a marchetaria;
- Luteria (arte de de fazer instrumentos musicais);
- Construções e carpintaria naval (embarcações de pesca artesanal)

METAIS

O artesanato em metal ocorre em todo o território brasileiro, sobretudo o utilitário. Os metais mais utilizados são o alumínio fundido; o bronze; o cobre; o ferro e a prata.

As categorias de ofícios que trabalham o metal são:

O *Cuteleiro* que produz instrumentos de corte tais como facas, facões e punhais;

O *Espingardeiro* (ou armaria artesanal) que fabrica armas de fogo, principalmente espingardas de caça;

O *Ferramenteiro* (na realização de moldes e ferramentas) O *Latoeiro* que se distingue pelo uso quase generalizado de sucatas, principalmente reciclando produtos

O *Ferreiro* na produção de ferraduras, foices, dobradiças, armadores de rede, e artigos de montaria;

O *Funileiro* que fabrica candeeiros, lamparinas, funis, regadores, e um sem número de pequenos produtos utilitários utilizando-se principalmente as folhas-de-flandres,

O *serralheiro* na produção de móveis de ferro batido, esquadrias, portões, grades e elementos para a construção;

Os *joalheiros e ourives*, na produção de jóias, bijuterias e objetos de adorno e uso pessoal, principalmente balangandãs.

PEDRAS

Pela abundância, variedade e qualidade das pedras brasileiras, desde as semi-preciosas até os seixos rolados, passando por todo tipo de granitos e mármores, o artesanato mineral pode ser considerado de baixa diversificação. A exceção ocorre por conta da pedra-sabão, uma esteatita encontrada apenas em Minas Gerais e que por sua facilidade de manuseio tem sido amplamente utilizada na produção de um sem número de peças, sendo as mais notáveis as esculturas do mestre Aleijadinho (1730/1814).

As pedras mais valiosas são, após lapidadas, utilizadas na confecção de jóias ou incrustadas em esculturas. As de menor valor servem para a produção de pequenos objetos de usos pessoal ou de decoração, tais como chaveiros, cinzeiros, prendedores, pesos de papel, cantoneiras de livros, brincos, pulseiras, anéis e colares.

Com os mármores e granitos são produzidos principalmente mausoléus, colunas, escadas, portais, soleiras, móveis, esculturas e pequenos objetos de decoração.

VIDRO

A arte de produzir vidro é o resultado de uma alquimia secular, capaz de transformar materiais sólidos (sílica, cálcio e sódio) pela ação do calor intenso (1.500 graus) em um material líquido e transparente. Retirado do fogo na ponta de um canudo de aço especial esta massa incandescente é soprada, expandida e trabalhada, criando-se formas e produtos de uma beleza única. Esta atividade é um oficio ainda restrito à certas regiões do país, sendo a produção destinada a um tipo de consumo mais exclusivo e elitista, tendo em vista que para as aplicações mais baratas e usuais as fábricas automáticas de vidro conseguem suprir as demandas existentes com menos custo e maior escala de produção.

O artesanato em vidro pode ser dividido em dois grandes grupos:

- Produtos utilitários: tais como copos, taças, cinzeiros, vasos, jarros, cânforas e garrafas
- Peças decorativas: troféus, esculturas, luminárias, vitrais e mosaicos.

OUTROS

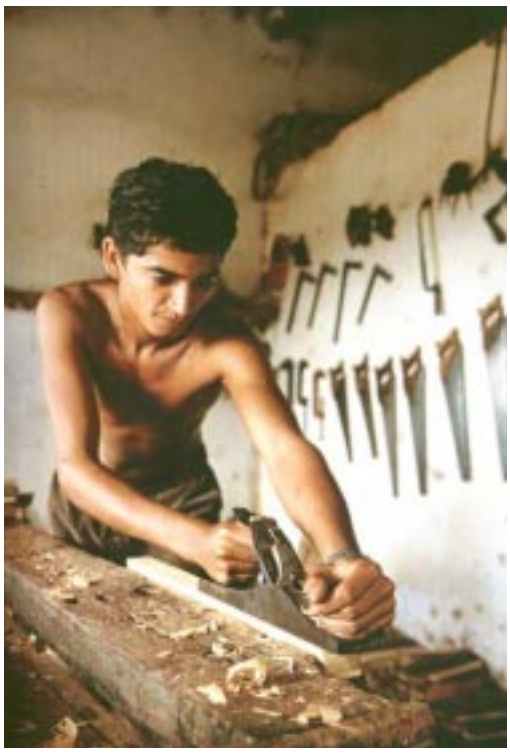
Diante das dificuldades, necessidades e carências, tanto nos afazeres domésticos como na lida do trabalho diário, os homens encontram sempre respostas na forma de soluções simples, criando novas ferramentas, utensílios ou objetos de todo tipo. Em geral valem-se dos recursos e materiais à sua volta. Esta extensa gama de artefatos artesanais, nascidos da necessidade, muitas vezes não se enquadram nos ofícios tradicionais, nem por isto deixam de ter seu valor. Seu grau de novidade (inovação) e a surpresa (ou o sorriso) que provocam, são quase sempre seu principal e mais valioso diferencial.

Sem uma preocupação classificatória, podemos encontrar produtos exclusivos, ou mesclado de diversos materiais, entre outros de:

- Borrachas (naturais ou sintéticas)
- Ceras e parafinas
- Cocos, sementes e cascas de árvores
- Ossos e chifres de animais
- Papel artesanal
- Penas e plumas de aves
- Peixes, aves e insetos embalsamados ou empalhados (taxidermia)
- Materiais reciclados

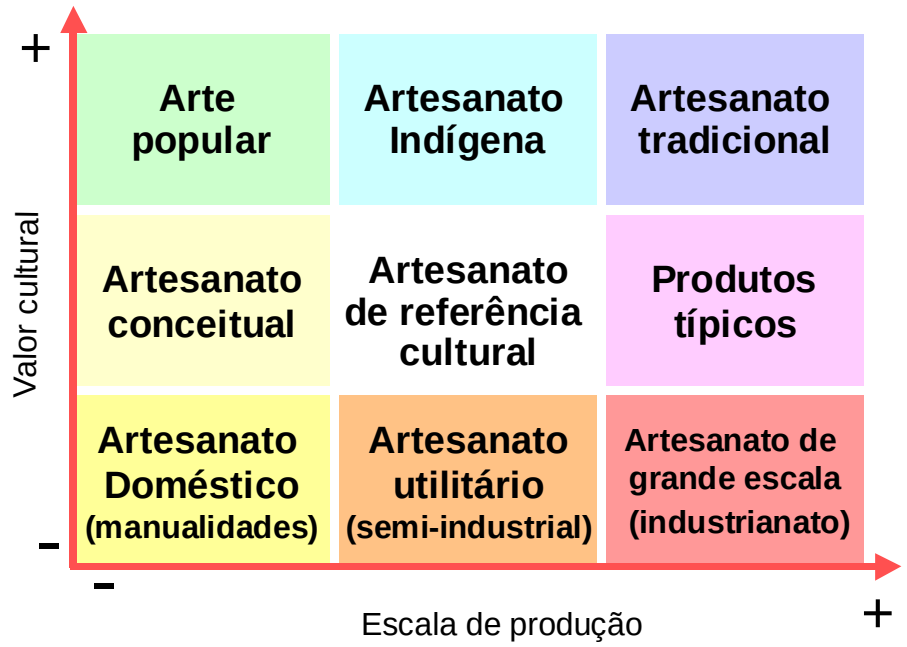
O artesanato representa hoje, na maioria dos países em desenvolvimento, um segmento expressivo de seu produto interno bruto (PIB), que é a soma das riquezas produzidas por um país; além de seu inegável valor social (pela quantidade de mão de obra que ocupa) e seu inestimável valor cultural (por ser a expressão mais autêntica do saber e do fazer popular).

Aplicado em diversas outros segmentos produtivos empresta-lhes valor e diferencial competitivo, principalmente quando consorciado com outros produtos industrializados, podendo ser um componente estratégico ou até mesmo uma embalagem especial. Tomemos como exemplo o setor de confecções onde o artesanato se transforma em principal elemento de agregação de valor na forma de um bordado aplicado, de botões esculpidos a mão ou como acessórios. Na indústria de móveis e objetos de decoração o artesanato ora é a peça em si mesma, ora parte ou componente, como um tampo de mesa, o estofamento de uma cadeira, um detalhe ornamental, como uma marchetaria. Mesmo na indústria de bens de consumo o culto ao artesanato reaparece como o novo diferencial de qualidade e humanização, como nas assinaturas em relevo impressas no monitores dos computadores machintosh, ou nos estofamentos de couro e no painel de madeira de um carro de luxo.



A principal e mais importante característica do trabalho artesanal vem a ser exatamente o fato do mesmo ser resultante de um trabalho produtivo que o homem executa através das suas mãos, com sensibilidade, perícia e cuidado. As mãos sendo seu principal instrumento de trabalho possuem contudo limites impostos quando a matéria que ela procura dominar ou modificar é mais dura, mais impenetrável, mais insensível. Neste momento as mãos necessitam de uma extensão, de um prolongamento, de uma ferramenta que permita vencer a resistência da matéria. Esta transferência da mão ao objeto determina as várias formas que as ferramentas assumem. Deste modo, cada ofício caracteriza-se pela diversidade formal dos instrumentos que utiliza, e cada instrumento significa a transfiguração da mão do artesão em uma ferramenta de trabalho específica. Esta relação do instrumento com o artesão é tão necessária quanto a relação entre a idéia e o pensador, como observou Clarival Prado em “Artesanato Brasileiro”, edição Funarte, 1986. Os instrumentos são os meios que permitem ao artesão expressar-se e realizar seu trabalho. Deste modo, não é possível aceitar que o artesão possa expressar-se plenamente se os seus meios de produção são rudimentares, pobres, toscos e improvisados. A melhoria do artesanato passa, necessariamente, pela melhoria das condições de trabalho e do uso de ferramentas mais adequadas.

A adequação do artesanato às mudanças tecnológicas, ou às expectativas de consumo, não são modos de descaracterizar o trabalho ou afasta-lo de sua pureza original, como pensam alguns. Embora estes argumentos tenham em sua essência uma boa intenção, são em grande medida fruto apenas de uma preocupação protetora com a cultura popular, porém ingênuos no sentido de acreditar ser possível preservar os artesãos e artistas populares das influências do mercado e de um meio em permanente e contínua mudança. Querer restringir o acesso do artesão às novas tecnologias (que são quaisquer ferramentas ou processos de produção e não apenas as de ponta, como se acredita erroneamente), não implica em acabar com o artesanato autêntico, pois a autenticidade está na forma singular que cada artista ou artesão vê o mundo ao seu redor e consegue representa-lo ou expressar suas sentimentos ou emoções. Uma nova ferramenta pode, no máximo, melhorar o desempenho da atividade realizada, facilitar a execução de uma tarefa, porém nunca fazer com que o homem mude sua forma de pensar. Contudo, a incorporação de uma nova ferramenta, de um novo modo de produzir, ou de um novo material, deve vir precedida de uma reflexão sobre os ganhos que esta mudança poderá trazer, sobretudo na melhoria real do resultado econômico.



As pessoas e instituições que lidam com programas e projetos de apoio ao artesanato, colocam quase sempre, sob a mesma denominação, e conseqüentemente sob as mesmas estratégias, produtos tão dispares quanto podem ser peças exclusivas de arte popular com pequenos souvenires semi-industrializados. Este equívoco pode acarretar uma série de conseqüências dentre elas uma perda da visão da multiplicidade cultural e étnica do artesanato. Produtos de diferentes origens são transformados em "curiosidades", sem que, ao menos, seja explicada sua origem ou sua função dentro da cultura da qual provêem. Sem a pretensão de esgotar as possibilidades de divisão analítica do artesanato propomos utilizando dois critérios apenas: importância cultural e escala de produção, agrupá-los em nove categorias, permitindo deste modo diferenciar as ações de promoção e apoio que forem projetadas.

Neste processo vamos observar que quanto menor é a escala de produção, tendendo às peças únicas ou exclusivas seu valor nominal econômico tende a ser maior, valor este que eleva-se ainda mais quanto maior for seu valor cultural. Deste modo, o direcionamento das políticas artesanais deve considerar as especificidades do produtos com a capacidade econômica dos consumidores visados.

ARTE POPULAR

Conceituar a arte popular não é uma tarefa fácil sobretudo em espaço tão reduzido, porém apenas com o intuito de diferenciá-la do artesanato propõe-se como sendo: ...”o conjunto de atividades poéticas, musicais, plásticas e expressivas, que configuram o modo de ser e de viver daquela parcela da população de menor grau de instrução formal e distanciada do acesso (tanto física quanto econômica) aos bens e serviços ofertados pela sociedade industrial e urbana “. A arte popular diferencia-se do artesanato a partir do propósito de ambas atividades. Enquanto o artista tem profundo compromisso com a originalidade, para o artesão esta é uma situação meramente eventual. O artista necessita dominar a matéria como o faz o artesão, mas está livre da ação repetitiva frente a um modelo ou protótipo escolhido, partindo sempre para fazer algo que seja de sua própria invenção. Já o artesão quando encontra e elege um modelo que o satisfaz, enquanto solução e forma, inicia um processo de multiplicação fazendo cópias da matriz original, obedecendo um padrão de trabalho que é a afirmação de sua capacidade de expressão. A segunda diferença fundamental é a contemporaneidade da obra de arte, atributo este não exigido do artesanato, e mesmo ao contrário, muitas vezes rechaçado. A obra de arte é peça única, tomada como referência (arquétipo) a ser reproduzida como artesanato.

ARTESANATO INDÍGENA

O artesanato indígena, em sua maioria, é resultante de uma produção coletiva, incorporada ao cotidiano da vida tribal, que prescinde da figura do artista ou do autor. Em alguns casos este artesanato obedece a uma certa lógica e divisão de trabalho, onde as peças são feitas por duas ou mais pessoas, com clara separação das atribuições em função da experiência e habilidade individual. Este tipo de produção coletiva é que dá ao artesanato indígena uma característica bastante própria, eliminando a figura do "mestre-artesão" cuja existência interessa mais às exigências do marketing em nomear autorias e criar ícones. O artesanato indígena surge com fins muitos específicos sejam estes utilitários (instrumentos de caça e pesca, balaios, cestos e cerâmicas para preparação de alimentos) seja com fins ritualísticos (bancos, cocares, vestimentas, adornos) ou ainda com finalidade lúdica (animais), porém todos eles consoantes com um modo de vida social.

A transposição do artesanato indígena para uma finalidade decorativa de um grupo social e cultural totalmente estranho se justifica como curiosidade étnica e antropológica, (e como forma de ganhos econômicos para os índios) porém sem que esta sociedade de consumo exercite qualquer tipo de pressão para adequar este artesanato às suas exigências formais e estéticas.

ARTESANATO TRADICIONAL

O artesanato popular tradicional é majoritariamente baseado na produção familiar ou de pequenos grupos vizinhos, o que possibilita e favorece a continuação de técnicas, processos e desenhos originais, expressivos da cultura local e representativos de suas tradições. Sua importância e valor cultural decorre do fato de ser depositária de um passado, de acompanhar histórias transmitidas de geração em geração, de fazer parte integrante e indissociável dos usos e costumes de um determinado grupo social. O fato de ser uma produção de pequenos grupos não restringe este tipo de artesanato somente ao âmbito da família, necessitando para que se viabilize, do trabalho de pessoas alheias ao círculo familiar, desde aqueles que se ocupam da obtenção da matéria prima aos que realizam a comercialização.

O artesanato tradicional geralmente pouco inova em termos formais ou nos processos de produção e refletem muitas vezes um certo tipo de organização social. Muitas vezes denominado artesanato étnico pois sintetiza traços de uma cultura particular, normalmente oriunda de outros países e regiões, que ao se estabelecerem no território preservaram seu usos e costumes mais típicos. Este artesanato é também considerado, por seu valor cultural, uma tecnologia patrimonial, ou seja faz parte da riqueza da nação.

ARTESANATO CONCEITUAL

A partir da década de sessenta, começam a florescer nos centros urbanos, junto ao movimento “hippie” um artesanato produzido por indivíduos com algum tipo de formação artística e de nível educacional e cultural mais elevado. Esta produção surge como forma de substituir produtos industrializados por produtos mais naturais, porém também como discurso de reafirmação de uma opção de vida, menos estressante e mais ligada à natureza. Configuram uma extensa gama de produtos que se utilizam de conhecimentos tradicionais e materiais diversos, mas que por não serem atividades tradicionais, não necessitam se limitar a formas e produtos já conhecidos, surgindo diversos artefatos interessantes e inovadores, que têm um caráter artesanal, pois são trabalhos feitos à mão, e preservam a “aura” de produto único, apesar de serem geralmente feitos em pequenas séries.

Atualmente este tipo de artesanato urbano e contemporâneo, encontra espaço nas lojas alternativas, esotéricas ou de decoração,. A maioria dos produtos são orientados ao consumo, obedecendo aos processos de sazonalidade e tangenciais aos fenômenos de moda e estilos dominantes.

Em geral são dotados de um discurso crítico, muitas vezes explícitos através dos sistemas de promoção utilizados, sobretudo aqueles ligados ao movimento ecológico.

ARTESANATO DE REFERÊNCIA CULTURAL

O artesanato de referência cultural é em geral aquele resultante de uma intervenção planejada de artistas e designers, em parceria com os artesãos, com o objetivo de diversificar os produtos porém preservando seus traços culturais mais representativos. São em geral produtos de forte personalidade formal, organizados em coleções ou famílias, atendendo demandas identificadas de mercado.

Utilizam-se de uma iconografia (símbolos e imagens) típicas da região onde são produzidos, assim como, das técnicas de elaboração tradicionais, quando muito, acrescidas de certas inovações tecnológicas apenas com o objetivo de dinamizar sua produção sem contudo descaracteriza-los.

Os produtos de referência cultural, são portadores de uma história singular, autêntica, que ao ser contada torna-se em seu maior valor agregado. Sua forma final, as cores que utiliza, os elementos gráficos e visuais que os distingue, nada é gratuito e desprovido de significado. Constituem-se, em sua maioria, de exemplos de intervenções bem sucedidas, geradoras de trabalho e renda, impulsionadoras de uma produção local comprometida com sua cultura e com suas origens.

PRODUTOS TÍPICOS

Os produtos típicos, são em geral, os alimentos processados segundo métodos tradicionais, em pequena escala, muitas vezes a nível familiar por um determinado grupo social. Fazem parte das tradições culturais, principalmente dos imigrantes, que ao estabelecerem-se em solo brasileiro procuraram reproduzir, porém adaptando as condições locais, seus produtos mais demandados, cuja qualidade os diferenciam de possíveis similares locais.

Estes produtos transformaram-se assim em um modo eficaz de incremento da renda familiar, sendo explorados como autênticos representantes de uma determinada região, utilizando-se os canais de comercialização direcionados principalmente ao turismo.

Como exemplos temos os licores, vinhos, geléias, compotas, mel , chocolate, farinhas, cachaça, doces cristalizados, frutas desidratadas, entre tantos outros.

Para o artesanato estes produtos colaboram para compor um "Mix" de mercado, ou seja um conjunto de produtos que se complementam, um apoiando a divulgação do outro. Suas embalagens, rótulos e etiquetas, são por sua vez elementos de produção artesanal enraizados na cultura que representam, merecendo por si só, uma análise e apreciação específica.

ARTESANATO DOMÉSTICO

O artesanato doméstico difere das demais categorias tendo em vista seu caráter de trabalho manual descomprometido com relação a prazos, volume de produção, ajuste à demanda, e outros requisitos que uma produção artesanal estabelecida deve considerar.

São em geral produtos resultantes da utilização de tempo ocioso, como atividade ocupacional, ou como complemento ocasional de renda familiar.

Seu valor enquanto mercadoria é a expectativa compensatória da habilidade e paciência de quem o executa, não estando relacionados a aspectos culturais relevantes. Ao contrário, são em geral produtos de uma estética ingênua, que utilizam-se de moldes e padrões veiculados por revistas dedicadas aos trabalhos manuais, aprendidos em cursos rápidos de vizinhança ou até mesmo oferecidos pelos fabricantes de linhas, tintas e insumos.

Constituem-se em geral de peças para enxoval de bebês ou de noivas, roupas de crianças, bonecas e brinquedos, pequenos objetos de decoração, entre outros. Algumas vezes este tipo de artesanato configura-se como uma produção terceirizada de grandes comerciantes de peças acabadas que se utilizam de rendas e bordados como elemento de diferenciação comercial.

ARTESANATO UTILITÁRIO

Provavelmente o maior número de produtos artesanais encontra-se nesta categoria de utilitários, desconhecendo os limites impostos pela fronteiras regionais, culturais ou limitações dos materiais. O artesanato produzido para satisfazer as necessidades de “lavor” dos homens, seja no trabalho no campo, seja na atividade doméstica, constituem-se em sua essência na resposta de um meio carente à falta de acesso ao produto industrial. Ferramentas, utensílios, “contenedores”, assim como incontáveis produtos desprovidos de qualquer preocupação estética, produzidos apenas para atender necessidades, conforma este universo material. Peças únicas em sua simplicidade formal, singulares em sua funcionalidade, cujo valor é determinado em função de sua importância social.

Estão presentes em todas as feiras de qualquer cidade do interior, de qualquer estado brasileiro. São tão familiares, corriqueiros, que somente despertam atenção daqueles que naquele momento deles necessitam.

Sua produção utiliza-se, em geral, de técnicas rudimentares, pré-capitalistas, porém dentro de uma escala de produção que a viabiliza economicamente.

ARTESANATO GRANDE ESCALA

Coexistindo no mesmo espaço comercial do artesanato existem, nos mercados e lojas populares, uma infinidade de pequenos produtos, muitos fabricados por indústrias estabelecidas, que no entanto são comercializados e comprados como se fossem artesanato. São em geral lembranças destinadas aos turistas de baixo poder aquisitivo, recordações de viagens ou “souvenires” religiosos ou místicos, tais como imagens de santos e padroeiros, terços, velas, fitas,etc.

Um exemplo excepcional de um produto existente nesta tênue fronteira entre artesanato e indústria são os balangandãs utilizados pelas baianas tradicionais em ocasiões festivas, cuja riqueza de detalhes, a qualidade dos materiais utilizados, e o forte apelo simbólico o colocam com destaque no acervo da cultura material brasileira.

A característica predominante neste tipo de artesanato de grande escala, diferentemente do exemplo acima, apresentado como uma exceção à regra, é seu baixo custo de produção e de venda e a saturação de mercado.

Os fatores de *equilíbrio, clareza e harmonia*, constituem para todos os seres humanos uma necessidade, embora na maioria das vezes as pessoas não se dêem conta. Este fatores devem estar presentes tanto em um ambiente quanto em uma obra de arte ou em uma peça de artesanato.

Deste modo qualquer indivíduo que se encarregue de conceber, projetar ou realizar um objeto que venha de encontro às necessidades de seus semelhantes deverá estabelecer uma "ordem" nas formas, imagens, cores e demais elementos que utilize, respeitando, evidentemente, os padrões culturais, estilos e demais elementos que relacionem este objeto a seu contexto de produção e de uso.

Estas regras ou normas, são resultantes de inúmeras pesquisas desenvolvidas, desde o final do século dezenove, pela Escola de Psicologia Experimental que estuda o fenômeno da percepção nos seres humanos.

Com o intuito de evidenciar a importância destes elementos, que irão definir finalmente a característica predominante de um determinado objeto, são apresentados a seguir alguns exemplos.

EQUILÍBRIO

De acordo com as leis da física o equilíbrio é o estado no qual as forças, agindo sobre um determinado corpo, compensam-se mutuamente. O equilíbrio, tanto físico como visual, é obtido quando todos os elementos presentes na composição parecem ter chegado a uma situação de estabilidade ou de repouso, onde nenhuma outra alteração parece possível. O equilíbrio pode ser facilmente obtido em formas ou composições simétricas, onde um lado da forma ou figura, é igual ou semelhante ao seu lado oposto. Entretanto, formas assimétricas podem também apresentar grande equilíbrio, que quando obtido valorizam o objeto ou composição do ponto de vista estético.

Peso e direção são também propriedades que determinam o equilíbrio de um objeto por seu efeito dinâmico. Tanto um quanto o outro são definidos por centros de atração que puxam a atenção de quem observa o objeto ou a imagem.

Em oposição ao equilíbrio está o desequilíbrio que transmite para o observador a sensação de estar diante de algo instável, transitório, provisório, precário ou acidental. Quando trabalhada de forma proposital e bem sucedida um objeto ou composição em desequilíbrio pode surpreender, provocar e chamar a atenção das pessoas positivamente.

CLAREZA

A clareza de uma forma ou composição está diretamente relacionada à luminosidade, brilho, cor, contraste, proporção e escala que caracterizam seus vários elementos. Pela presença ou ausência de luz, do claro/escuro, é possível determinar o volume e dimensões de um objeto, realçar ou esconder detalhes, evidenciar ou camuflar qualidades ou defeitos. Brilho e opacidade são elementos complementares deste processos e relacionam-se muitas vezes com aspectos puramente simbólicos e subjetivos. Brilho pode ser exuberância e a opacidade discrição. O contraste, ou seja a oposição entre claro e escuro, entre grande e pequeno, entre forças e qualidades opostas, é um dos elementos mais contundentes para atrair a atenção do observador, podendo inclusive dramatizar significados. Do mesmo modo, a cor é um dos elementos mais fortes do processo visual. As cores, dependendo do modo como são organizadas podem mudar radicalmente a compreensão e leitura de um objeto ou mensagem. As cores, em sua maioria, possuem um significado universalmente compartilhado, podendo ser explorada com finalidades simbólicas, funcionais, psicológicas, mercadológicas, entre outras. A clareza pode também estar relacionada à mensagem ou conteúdo expressivo que se deseja revelar. Clareza de propósitos, de funções e de usos. Evidenciar um uso é uma das maiores qualidades de um objeto funcional.

HARMONIA

A harmonia é a perfeita organização das partes em um todo coerente, onde predomina a ordem e a regularidade, possibilitando uma visão ou leitura simples, clara e compreensível do objeto ou de sua mensagem.

A ordem existe quando estão ausentes as incongruências, as ambigüidades e os conflitos entre forma, uso, conteúdo, linguagens, imagens e significados.

Em síntese, a harmonia existe quando existe convergência entre aquilo que é com aquilo que é visto ou sentido.

Por oposição a desarmonia existe na ausência das qualidades acima descritas em um objeto ou mensagem. Quando o resultado obtido é uma desarticulação entre as partes de um todo perdendo-se o sentido de unidade . A desarmonia é caracterizada também pelo excesso, pela profusão de elementos, pela exageração de referências simbólicas, pela complexidade de mensagens, pela ambigüidade em precisar usos e funções, pela falta de sutileza no tratamento das imagens, pelo peso excessivo, pelo ruído e poluição visual.

Um mesmo produto pode se transformar totalmente aos olhos de quem o observa pela simples alteração da textura de sua superfície ou pela modificação de sua cor predominante.

O uso das cores, isoladamente, já permite definir uma série de características do produto e transmitir uma série de sensações. Por exemplo as cores amarelo, laranja, vermelho, rosa, marrom transmitem sensação de calidez, por isto são chamadas de cores quentes. Do mesmo modo o azul, o lilás, o verde, o roxo são cores frias, que parecem aumentar a distância entre o objeto e quem o observa.

Geralmente os esquemas de cores encontrados nos produtos artesanais podem se dividir em três grupos:

- Combinações monocromáticas, que utilizam somente uma cor (um segmento do círculo cromático) variando somente sua intensidade (tons mais claros ou mais escuros);
- Combinações semelhantes, é o de combinar cores vizinhas no círculo cromático. Nestes esquemas predominantes o segredo é o uso de detalhes em cores opostas (frias ou quentes)
- Combinações complementares, consiste em utilizar cores diametralmente opostas do círculo cromático (uso simultâneo de cores quentes e frias)

Não existem dois lugares iguais no mundo, como não existem duas pessoas iguais. Como diria o poeta Carlos Drummond de Andrade o homem não consegue sequer ser igual a si mesmo duas horas depois. Estas diferenças é o que nós chamamos de identidade. A identidade de uma grupo social é determinada pelo conjunto de símbolos, signos, códigos, normas, objetos, costumes, ritos e mitos aceitos e praticados coletivamente.

São estes elementos únicos que dão sentido ao artesanato e indicam para o artesão seu lugar no mundo. São estas referências os atributos valorizados por uma mercado globalizado ávido por produtos diferenciados.

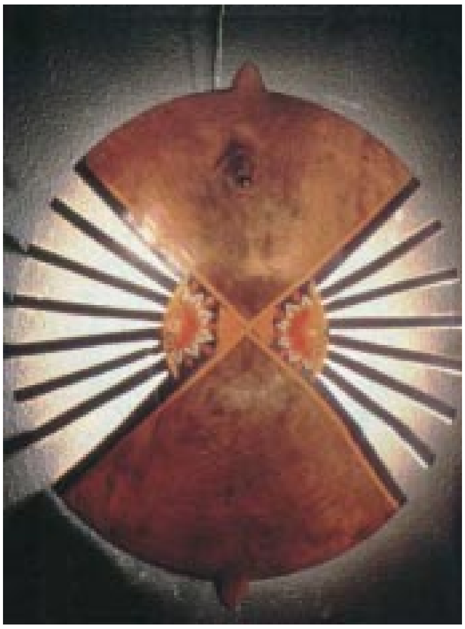
A saudável busca pela renovação do artesanato não pode se transformar em uma busca inútil de encontrar uma estética global e nem tentar decodificar ou interpretar o o gosto alheio. Deve sim, colocar em evidência, resgatar e valorizar, os elementos mais comuns e típicos de seu entorno. Deve utilizar as cores de sua paisagem, suas imagens prediletas, sua fauna e flora, retratar os tipos humanos e seus costumes mais singulares, utilizar as matérias primas que estão mais próximas e as técnicas que foram passadas de geração em geração porém, e sempre que possível, buscando maior eficiência.

Renovação criativa de produtos

Até alguns anos atrás os produtos, fossem eles industriais ou artesanais, podiam durar no mercado muitos anos sem apresentar nenhuma alteração em sua forma, aparência ou função. As mudanças, quando ocorriam, eram lentas e pequenas, pelo temor de afastar o consumidor acostumado àquele tipo de produto. Entretanto, com o avanço tecnológico, com o crescimento das comunicações e com a pressão exercida pela indústria da moda, o ciclo de vida de todos os produtos, está se reduzindo drasticamente. Hoje em dia, é difícil encontrar um produto que dure mais de um ano sem apresentar nenhuma modificação. Automóveis e eletrodomésticos que deveriam durar muitos anos mudam de modelo a cada doze meses. Este mesmo fenômeno acaba por influenciar os consumidores que desejam encontrar também no artesanato esta mesma capacidade de renovação.

O desafio está em conseguir satisfazer esta pressão de demanda de modo criativo, sem descaracterizar os produtos ou se afastar daqueles elementos que exatamente o tornam algo distinto e singular. Ser criativo é criar novos usos, é propor novas formas, é desenvolver novas famílias de produtos, é substituir processos ou matérias primas por outras ecologicamente mais adequadas e mais eficazes.

Novos usos para produtos antigos



A tarefa de renovação periódica da oferta de produtos não deve ser um esforço isolado dos artesãos, envolvidos prioritariamente na atividade produtiva. Para atender às expectativas exigentes dos consumidores é necessário mais que talento e criatividade. É preciso saber buscar e lidar com informação, entender os fenômenos cíclicos e analisar as tendências do mercado. Porém é necessário acima de tudo dominar os processos de desenvolvimento de novos produtos, dentro de uma perspectiva global, que contemple respostas às questões de natureza técnica, econômica, ambiental, social e cultural.

Dentre as diversas possibilidades da renovação de produtos artesanais está a proposição de novos usos para antigos produtos. Alguns exemplos são bastante inspiradores, como a bateia de garimpeiro que vira o chapéu de uma luminária; o chapéu de palha que vira cachepot para vasos; o vasinho de cerâmica que vira embalagem de velas aromáticas, o pega-dedo dos índios que vira sache para bolinhas perfumadas e assim por diante.

O importante é lembrar que a tarefa de criar novos produtos não deve ser fruto do acaso, ou da "inspiração" como acredita a maioria das pessoas. O desenvolvimento de novos produtos é uma atividade sistemática, quase científica, fruto de um esforço cotidiano de profissionais que foram capacitados para este desafio.

Artesão profissional e artesão amador

Um artesão preocupado em estar em sintonia com o mercado, com sua produção em constante crescimento, com seus produtos conquistando cada vez consumidores mais satisfeitos e fiéis, deverá se preocupar primeiramente em ser cada vez mais profissional e menos amador.

Muitos diferenciam o profissional do amador entre aquele que tem na atividade seu sustento principal, daquele que apenas a assume de modo casual, sem maiores compromissos, apenas como uma atividade complementar de renda.

O enfoque aqui proposto expõe uma diferença mais profunda e mais sutil. Profissional é aquele que se abstrai do desejo narcisista de agradar a si próprio para tentar satisfazer o desejo de seus clientes. É aquele que estuda e analisa o mercado, atento às mudanças de hábitos, de gostos, de tendências e procura adaptar seu trabalho a estes novos parâmetros sem contudo perder a essência daquilo que faz e que o torna único, diferente e singular. Profissional é aquele que sabe quanto vale seu tempo e cobra a partir disto o seu trabalho e não de acordo com a cara do freguês. Porém é acima de tudo aquele que, tendo orgulho do que faz, se preocupa em ensinar o que aprendeu, deixando às gerações futuras o fruto de seu esforço.

Sugestão de Bibliografia:

- VALADARES, Clarival P. **Artesanato Brasileiro**, Rio de Janeiro, Funarte, 1978
- RIBEIRO, Berta G. **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**, Rio de Janeiro , Funarte, 1983
- ALEGRE, Silvia P. **Mãos de Mestre** - Itinerários da arte e da tradição, São Paulo, Maltese, 1994
- Martins, Saul. **Contribuição ao estudo cientifico do artesanato**. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1973.
- LAUER, Mirko, **Crítica do Artesanato**, São Paulo, Nobel, 1983
- BARROSO, Eduardo, **Identidade Cultural e Artesanato**, www.portadigital.com.br/~barroso, 2000
- GOMES, João, **Gestalt do objeto** - Sistema de leitura visual da forma, São Paulo, Escrituras Editora, 2000,